
O espaço da educação ambiental na formação universitária no contexto da Amazônia norte-matogrossense em transformação¹

AUMERI CARLOS BAMPI *

JOSÉ ALDAIR PINHEIRO **

Resumo

Neste estudo, busca-se compreender a formação em Educação Ambiental (EA) dos universitários de Sinop-MT, município que é polo educacional e referência aos municípios do norte de Mato Grosso e sul do Pará. Situa-se na região amazônica norte-matogrossense, que passa por uma crise socioambiental gerada pelos processos destrutivos oriundos do desenvolvimento econômico, em que foram afetados os biomas e as populações em favor da construção de uma sociedade urbano-industrial capitalista. No estudo, evidencia-se o posicionamento dos universitários sobre Educação Ambiental e o espaço dedicado a essa área na graduação. Decorrem dessa formação a compreensão, as atitudes, os compromissos e as práticas dos futuros profissionais que reproduzirão o contexto de crise socioambiental ou, com base nesse preparo, serão capazes de fazer enfrentamentos a tal situação. Os resultados apontam que as concepções dos universitários aparecem, em maioria, como posições naturalistas da EA, descontextualizadas da crise socioambiental. Manifestam-se, no entanto, abertos e predispostos à

* Doutor em Filosofia e Ciências da Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – Unemat. Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat – Sinop, MT. Membro do Grupo de Pesquisa Antroposfera – CNPQ. E-mail: aumeribampi@gmail.com.

** Mestre em Ciências Ambientais pela Unemat. Universidade de Cuiabá – Sinop – CEFAPRO – SEDUC/MT Sinop, MT. Membro do Grupo de Pesquisa Antroposfera – CNPQ. E-mail: <jpinheiral@gmail.com>.

¹ Este estudo faz parte do Projeto “Análise da Formação em Educação Ambiental dos Universitários” (AFEU), no norte de Mato Grosso junto à Universidade do Estado de Mato Grosso.

EA, que pode ser trabalhada criticamente. Em relação às universidades, o que se explicita é que reproduzem o sistema civilizacional urbano-industrial e que os conhecimentos desenvolvidos em EA são parcos como referenciais de formação.

Palavras-chave: Crise socioambiental. Formação universitária. Educação Ambiental.

Introdução

Neste artigo, discutimos brevemente o espaço e o desenvolvimento epistemológico e pedagógico da Educação Ambiental (EA) na formação universitária em Sinop, norte do Estado de Mato Grosso. A proposição dessa discussão é uma tentativa de revelar, explicitar e compreender os pensamentos, as atitudes e práticas dos universitários adiante da formação recebida no tocante à Educação Ambiental.

A razão que nos move a abordar e relacionar a EA à formação universitária deve-se à problemática da crise socioambiental vivenciada e produzida pelos modos e meios de produção econômica, que promovem fortes transformações na região amazônica do norte mato-grossense e intensa degradação socioambiental. Essa situação teve início e agravou-se gradativamente, mais especificamente, no município de Sinop e seu entorno, a partir da década de 1970 com a colonização (oficial e privada) promovida pelo Governo Federal. (BAMPI, 2012)

A preocupação com os aspectos epistemológicos e pedagógicos funda-se na relação entre o contexto de crise socioambiental local, que, por sua vez, sofre as influências históricas e recentes de forças nacionais e internacionais do capitalismo na configuração local. A formação universitária, como produtora e reprodutora de conhecimentos científicos, e a EA, como dimensão pedagógica e formativa, são capazes ou não de debater e enfrentar essa realidade.

Quanto ao aspecto epistemológico, Grün (1996) defende que a ciência moderna é incapaz de oferecer um caminho epistemológico

à EA, a qual busca a superação do cartesianismo na tentativa de construção e definição de um novo paradigma de compreensão e relações socioambientais. Daí a necessidade de se problematizarem as práticas pedagógicas e seus referenciais epistemológicos quando da formação universitária, entendendo-a, também, como práticas políticas de um projeto de conhecimento e ação no mundo.

No contexto de Mato Grosso, segundo Bampi (2012, p. 27), em virtude da implantação e do desenvolvimento da sociedade urbano-industrial capitalista no contexto da Amazônia mato-grossense,

a crise socioambiental no Estado de Mato Grosso envolveu seus três biomas (Amazônia [floresta], Cerrado e pantanal) bem como as populações, sejam nativas sejam migrantes, e tanto a diversidade ecológica quanto a diversidade cultural foram afetadas.

Nesse sentido, ao tratar da problemática da crise socioambiental gerada pelo modelo urbano-industrial capitalista é preciso conceber o contínuo urbano-regional como uma conjunção de funções de funções produtivas e de consumo, políticas e culturais interconectadas.

O contexto em que se inserem as universidades no norte de Mato Grosso é de crise socioambiental que emerge do crescimento e da globalização da economia, da reestruturação produtiva, do tipo de desenvolvimento urbano-industrial, configurando-se em novas formas de apropriação da natureza e do território-ambiente; isto é, da utilização aleatória de recursos renováveis e não renováveis e da produção indiscriminada de bens de consumo adquiridos por uma parcela cada vez mais seleta da sociedade, assim como do território-ambiente que passa a ser controlado e de propriedade de poucos. Como consequência, tem-se um tipo de desenvolvimento que traz consigo a insustentabilidade ecológica, a desigualdade e a injustiça social à região. (BAMPI, 2012)

Nesse sentido, cabe interrogar como perceber o estado dessa crise. Qual a missão da universidade nesse contexto? Como

compreender os processos sociais e históricos que a geram? Como a EA configura-se em formas de enfrentamento? Enfim, a EA, na universidade, ocupa um espaço profícuo a formar cidadãos capazes de perceber e pensar a crise socioambiental em seu contexto, porém, não é qualquer EA que pode proporcionar essa mudança de paradigma. Para tanto, deve-se pensar uma práxis educacional que se configure na formação e na mudança do pensamento racionalista para o ecossistêmico complexo que entenda as raízes históricas de cada sociedade e seus modos de existência, e, ao mesmo tempo, que analise a conjuntura da sociedade, em seus diferentes povos e modos de existência e que proponha a mudança de hábitos, valores, atitudes e práticas, bem como novos saberes em um contexto social, político, econômico e cultural mais amplo.

Assim, as discussões sobre o espaço da EA na formação universitária adquirem elementar importância como processo de construção epistemológica e pedagógica uma vez que as universidades são, também, espaços de aprendizados e debates dos conhecimentos, das formas de fazer e construir aprendizados sociopolíticos e de construções de novos saberes e de reflexão sobre como os humanos em sua diversidade cultural se relacionam com a natureza. Ao mesmo tempo, a academia é um gerador de ideias por intermédio das quais se pode superar o estado de exploração, invisibilidade e marginalização em que vive a maior parte da sociedade (LEROY *et al.*, 2002) e a própria natureza, tratada pela sociedade urbano-industrial capitalista de forma seletiva, pragmática e utilitarista.

Nesse contexto, compreender como a EA está sendo tratada na formação dos estudantes universitários possibilita entender os pensamentos, as atitudes e as práticas diante da crise socioambiental que envolve o norte de Mato Grosso. Objetivamos discutir e analisar, de modo crítico e interdisciplinar, o espaço e a formação universitária. Verificar, baseando-se no espaço dedicado à

formação em EA nas universidades e nos centros universitários, se há a construção de um saber ambiental fundado na formação humana reflexiva capaz de contrapor o modelo que reproduz o desmatamento civilizador historicamente estabelecido na região de estudo, produtor do desenraizamento socioambiental e da degradação. O que fazem as universidades e as faculdades em relação à EA? Constitui tema de relevância para debater a realidade socioambiental da região norte mato-grossense? A formação em EA problematiza ou apenas propõe comportamentalismo que reproduz a lógica de exploração socioambiental?

A Universidade e a Educação Ambiental

A universidade constitui um ambiente propício para a configuração de novas concepções, atitudes e práticas, considerando sua ocupação com o ensino, a pesquisa e a extensão e o amplo espaço de debate que pode ser usufruído. Espera-se, porém, que o aprendizado no curso superior seja meta e veículo de domínio da pesquisa, da ciência, da profissionalização consciente, da realização pessoal, do aprimoramento intelectual e da percepção ampla e profunda das realidades socioambientais. Mas novas percepções não surgem do nada, e sim de um esforço coletivo e socializado de busca de compreensão do que somos, onde estamos e do que fazemos no mundo que nos cerca e da sociedade que compomos.

Para Santos e Sato (2001), a EA insere-se na universidade quando associada às questões ambientais consoante uma adjetivação ou derivação de outras áreas de conhecimento ou disciplinas. É inserida no contexto universitário de modo departamentalizado, pressupondo a intercomunicação entre essas áreas, disciplinas e departamentos, que, no entanto, sabemos não acontecem, uma

vez fundadas as ciências no positivismo-funcionalismo. Nessa estrutura, os conteúdos e as abordagens foram e são trabalhados de forma isolada, fragmentada e descontextualizada e não permitem uma amplitude capaz de considerar o humano (em sua diversidade de sociedades, em sua diversidade cultural e epistemológica) e a natureza em escala planetária com toda a biodiversidade existente como formadores do mundo da vida.

Para Reigota (2001, p. 10), a EA deve ser entendida como uma educação crítica e política porque “ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza”. Essa concepção desenvolve-se em virtude de a EA surgir e se consolidar em um momento histórico de grandes mudanças no mundo, tendendo a questionar as opções políticas atuais e a própria educação, exigindo, por princípio, ser criativa, inovadora e crítica.

Nessa perspectiva, a EA impregna-se do sentido e da utopia de mudança e transformação da realidade socioambiental mediante a superação das dicotomias homem/natureza. Igualmente, busca respostas filosóficas (epistemológicas) e práticas (pedagógicas) para superar o antropocentrismo e o etnocentrismo nas relações que conhecemos hoje, sejam elas entre a humanidade em sua pluralidade, seja entre a humanidade e a natureza em sua diversidade. Busca, ainda, caminhos políticos para a construção de formas de cooperação e convivência com a natureza.

Seguindo essa visão, compreendemos que os problemas socioambientais globais e locais, os quais são interligados, que aqui constituem o pano de fundo das referências à formação universitária em EA, foram criados por homens e mulheres conscientes ou não e que deles virão ou não soluções como cidadãos e cidadãs. É claro, entretanto, que a crise ambiental, é fruto de um tipo de homem-sociedade em específico: na atualidade do lócus de estudo da sociedade urbano-industrial capitalista recentemente instalada.

Segundo Tozoni-Reis (2004), ao estudar os referenciais teóricos que se praticam na universidade, apresenta de modo sintético três tendências nas formulações teóricas que orientam as práticas pedagógicas de EA. A primeira, denominada “natural”, indica a possibilidade da relação do sujeito com ambiente, desprovida do conteúdo social ou político, ou seja, sem a mediação da cultura e da sociedade. As práticas de EA decorrentes indicam a necessidade e a possibilidade de adaptação do homem à natureza cujo papel principal é a sensibilização e a motivação dos sujeitos a buscarem uma relação natural de preservação e conservação do ambiente. Na segunda tendência, a relação entre o sujeito e o ambiente é definida pela razão, mediada pelo conhecimento técnico-científico que tem um papel determinante nessa relação e na configuração social. Nesse caso, a EA é reduzida à transmissão de conteúdos das Ciências Ambientais, caracterizada como ensino de ecologia apenas. Já na terceira tendência, aparece a ideia de que as relações sujeito e o meio são frutos de processos históricos, isto é, são construções históricas, em especial a crise socioambiental vivida hoje. A relação sociedade-natureza é marcada pela intencionalidade dos sujeitos. A EA, nessa concepção, assume uma posição de enfrentamento da crise socioambiental na perspectiva da construção de uma sociedade sustentável, pois seria sem razão se não pretendesse isso.

Mas embora o tema ambiental ganhe mais espaço hoje, historicamente, a relação da universidade com as questões associadas ao meio ambiente foi muito difícil, pois a organização por departamentos, característica histórica da estrutura universitária, tende a valorizar as especificidades e deixar de lado as posições pluralistas. Assim, muitas vezes as propostas interdisciplinares ficaram sem um local que as acolhessem. (GUIMARÃES; TOMAZELLO, 2003, p. 57)

Na formação universitária, percebemos que, além da introdução de temáticas pontuais e novas especialidades, características de

cada realidade, a incorporação da EA, diante da complexidade ambiental, implica a participação ativa de pesquisadores, professores e alunos nas transformações do conhecimento e na atualização dos programas curriculares para introduzir o ensino dos paradigmas emergentes do saber ambiental.

Sabemos que os problemas ambientais são complexos pela sua natureza (pois temos que levar em conta suas implicações sociais, econômicas, políticas, entre outras) e não serão resolvidos somente com medidas educativas; mas, com certeza, a educação, em especial a universitária, deve assumir a sua responsabilidade, pois para que a EA seja incorporada ao ensino formal, é preciso que professores sejam primeiramente formados em outras bases, com uma concepção que ultrapasse a memorização dos conteúdos ecológicos e supere a simples aplicação de técnicas ecológicas. (GUIMARÃES E TOMAZELLO, 2003, p. 58)

Metodologia

Este estudo configura-se como exploratório. A problemática em questão é tratada com base na abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada em quatro universidades e centros universitários da cidade de Sinop, em 2012, sendo uma instituição federal (UFMT), uma estadual (Unemat) e duas privadas (Fasipe e Unic), localizadas na cidade de Sinop .

A cidade de Sinop-MT, onde está o universo desta pesquisa, é considerada polo universitário regional de ensino de graduação e possui uma população em torno de 130 mil habitantes. Sua localização é estratégica e é polo comercial e educacional, sendo referência a aproximadamente 30 municípios vizinhos localizados na parte norte do Estado e no sul do Estado do Pará.

Essa região contempla forte tensão da crise socioambiental no bioma amazônico mato-grossense pelo alto grau de desflorestamento

e inserção de intensas forças de exploração, transformação e de degradação socioambiental da Amazônia, de onde são provenientes os estudantes pesquisados.

TABELA 1
Universitários pesquisados por Universidade/Faculdade

Universidade	Frequency	Percent	Valid. Percent.	Cumulative Percent.
Universidade do Estado de Mato Grosso	70	23,3	23,3	23,3
Universidade Federal de Mato Grosso	120	40,0	40,0	63,3
Universidade de Cuiabá	60	20,0	20,0	83,3
Faculdade de Sinop	50	16,7	16,7	100,0
Total	300	100,0	100,0	

Fonte: Elaborada pelos autores, 2012.

Quanto aos cursos, foram analisados os diversos tipos existentes na cidade de Sinop, totalizando 21, sendo 76,7% de cursos de bacharelado e 23,3% de formação de professores.

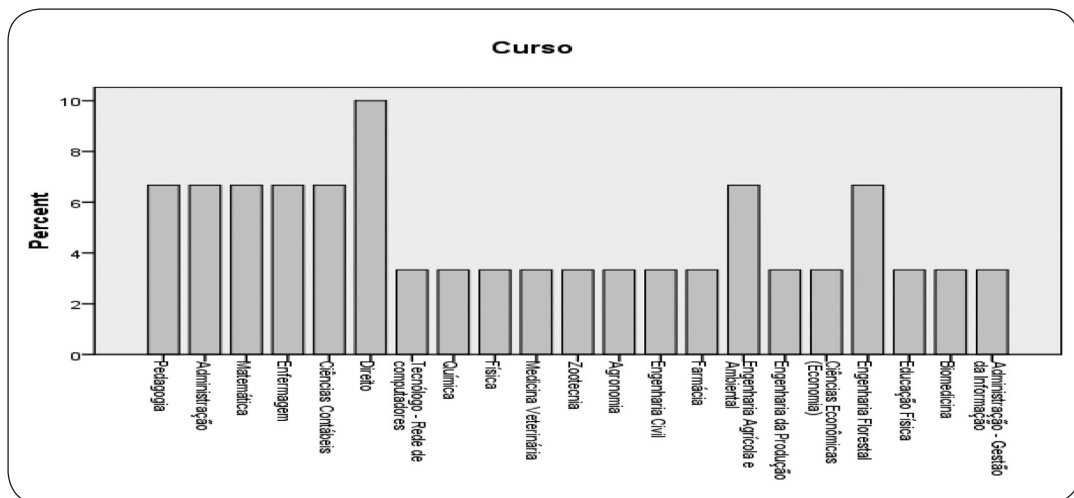


GRÁFICO 1 – Cursos pesquisados.
Fonte: Elaborado pelos autores, 2012.

TABELA 2
Turno de estudo

Turno de estudo	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Integral	89	29,7	29,7	29,7
Matutino	42	14,0	14,0	43,7
Noturno	169	56,3	56,3	100,0
Total	300	100,0	100,0	

Fonte: Elaborada pelos autores, 2012.

A coleta dos dados foi realizada com base em questionários estruturados com questões abertas e escala de diferencial semântico. O tratamento estatístico descritivo e sistematização dos dados foram realizados com o Programa SPSS, versão 17.0.

Foram pesquisadas 300 pessoas, grupo composto por estudantes de cursos universitários de graduação que já haviam cursado mais da metade de sua formação acadêmica, sendo realizada uma amostragem de dez alunos por curso existente em cada instituição universitária da cidade de Sinop que desenvolve cursos presenciais. A finalidade era obter um posicionamento conceitual de atitudes e de práticas relativas à EA que evidenciasse o espaço ocupado na formação acadêmica diante das questões socioambientais locais.

Análise e interpretação dos dados

Apresentamos, inicialmente, os dados referentes ao perfil dos universitários pesquisados e os posicionamentos que demonstram a compreensão, atitudes e práticas em EA. Salientamos que, dada a extensão deste estudo e a formatação desta publicação, omitimos os gráficos e as tabelas, apresentando apenas os dados que os compõem.

O perfil dos universitários

Dos 300 estudantes, 54,3% são mulheres e 45,7% são homens, com idade entre 18 e 25 anos, portanto caracterizados como jovens. Em sua maioria, possuem residência na zona urbana, em área central da cidade de Sinop, demonstrando que as populações periféricas da cidade, em sua maioria, não são componentes da universidade.

Desse modo, o perfil dos estudantes pode ser estabelecido como de jovens, tendo o componente feminino como maioria (característica atual do ensino superior brasileiro), residentes de zona urbana central da cidade, constituintes das classes mais favorecidas economicamente, conforme a própria designação. A soma dos componentes das classes alta, média alta e média alcança 56,3% dos estudantes, o que ainda mostra o caráter elitista do ensino superior, no caso estudado. Os pesquisados compõem 21 cursos diferentes, sendo participantes de cursos de bacharelado (76,7%) e estudam em universidades públicas (68%). Essa característica é destoante em relação ao ensino superior brasileiro, mas um fato aqui precisa ser mencionado: o crescimento e a expansão das vagas em instituições públicas, especialmente nas federais, é um acontecimento recente, com a abertura de diversos cursos em instituição federal na cidade de Sinop, no caso a UFMT. Tal situação está relacionada diretamente com o chamado Programa de Expansão das Universidades Federais, desenvolvido pelo Ministério da Educação do Governo Federal do Brasil, desde 2007.

Posicionamentos sobre a formação em EA recebida na universidade

Inicialmente, buscamos uma conceituação pessoal sobre o entendimento da EA. Em resposta a tal questionamento, 52% expressaram que entendem por EA a “conscientização para uso racional do meio natural com preservação”. Há uma visão de que é necessário um processo de tomada de consciência da crise

ambiental, para que o meio natural seja utilizado racionalmente. Como na questão anterior, a visão utilitarista antropocêntrica desenvolvimentista explicita-se. Com 14% aparece outra descrição: educação como respeito e compromisso com a preservação da natureza (nova cultura, valores, novos paradigmas). Tal concepção agrega a necessidade de que novos valores e uma nova cultura sejam vivenciados. Também para 8,2% é necessário que o uso da natureza seja feito com sustentabilidade. É predominante a visão naturalista de EA, em que o ambiente urbano não aparece como uma problemática ambiental.

Há uma visão representativa do significado da EA como espaço de “sensibilização e conscientização e criação de uma postura de cuidado para a diminuição dos impactos ambientais”. Esse sentido estabelece uma coerência com as ideias de preocupação por cuidados com o ambiente, menor agressão, busca da sustentabilidade.

Há certa “ambientalização” da concepção, embora apareça claramente ainda a presença da noção naturalista, onde a natureza é algo e diferente da sociedade (TOZONI-REIS, 2004), no entanto, a educação é percebida, pela maioria dos estudantes pesquisados, como necessária à mudança de postura diante das ações humanas predatórias.

Em relação ao questionamento sobre o que é tratado nas aulas do curso universitário em relação à EA, cinco respostas formam um posicionamento da maioria dos cursos. Nesse caso, educação para a preservação, novas maneiras de cuidar do ambiente, com 16,9%; metodologias para trabalhar sobre o ambiente (reciclagem, economia de energia, não desmatamento, reflorestamento, manejo de animais, florestas, solos), com 10,8%; produção com sustentabilidade (diminuição impactos), com 10,4% e controle do uso dos recursos naturais (gestão ambiental), com 5,4%. Tais respostas manifestam a necessidade de que sejam estabelecidos novos modos de comportamento humano em relação à natureza.

Assim, há a percepção de que a relação homem-natureza precisa ser alterada e substituída por uma relação de cuidado por parte do homem, com a diminuição dos impactos; no entanto, ainda persiste uma visão utilitarista.

Outra resposta significativa pelo aspecto negativo é a manifestação de 11,2% dos estudantes, os quais observam que “não se fala de EA no meu curso”. Esse resultado demonstra que, para parte da comunidade acadêmica pesquisada, aparece uma espécie de currículo nulo, que não leva em conta a necessidade imperativa desse tema na formação contextualizada dos estudantes com seu tempo e com sua realidade.

Feito um questionamento a respeito do conhecimento de alguma legislação que explicita a inserção da EA na formação universitária, 86% disseram que não possuíam conhecimento, o que demonstra uma ação ineficaz das formações universitárias em demonstrar o surgimento de seu currículo e a referida fundamentação teórica e legal.

Questionados se o currículo formativo do curso contemplava o tratamento da EA: 51,2% disseram que sim, 17% disseram que não e 31,8% manifestaram não saber se as questões ambientais estariam contempladas na proposta curricular.

Dos que disseram que a EA está presente como componente curricular do curso, ao responder a forma pela qual aparece e está contemplada, a maioria, 53,8%, respondeu que “nas disciplinas, aulas (tópicos ambientais)”. De forma também significativa, com 25,3%, aparece a resposta: “de forma interdisciplinar (em todo o curso)”. De maneira oposta, mas com apenas 7%, os estudantes disseram que não aparecem atividades de EA no curso. Não há diferenças significativas por tipo de curso (licenciatura ou bacharelado). É clara a perspectiva de que o tratamento dado à EA ainda é significativamente monodisciplinar, seguindo o padrão positivista-funcionalista.

As manifestações demonstram que a EA tem sido tratada de maneira mediana a fraca nas universidades estudadas, atingindo

com pouca intensidade a formação atual. Tal situação evidencia o despreparo universitário ao tratamento do contexto onde estão inseridas as universidades.

Essa situação merece ser compreendida, segundo Bentes (2005), como universidades que ignoram ou que não promovem os saberes, os métodos e os estilos de vida locais, até mesmo porque reproduzem o saber estruturado a distância e adaptado à realidade local.

Compromissos, práticas e ações dos universitários em relação à EA

Ao analisar o compromisso desenvolvido pelas universidades com a formação em EA no contexto onde estão inseridos, os estudantes manifestaram que o compromisso desenvolvido por essas instituições situa-se entre o fraco e regular. As universidades/faculdades não assumem de maneira forte e intensa um compromisso com a formação em EA, não podendo ser consideradas ativas em relação a essa questão.

No aspecto da análise sobre se a universidade forneceu ao aluno competências e habilidades referentes ao entendimento e exercício da EA, a maioria diz que não, o que é um indicador crítico da qualidade de formação desenvolvida. Tal situação também encontra relação direta com o citado anteriormente na escala para avaliação da formação em EA recebida na universidade, que é descontextualizada.

Aos que responderam positivamente se a universidade lhes havia fornecido competências, apenas 47,1% se pronunciaram. Ainda foi questionado quais seriam essas competências e habilidades pelas quais a universidade foi responsável.

A manifestação dos estudantes foi, em primeiro lugar, com 22,2% afirmando que “por novas percepções da realidade (alternativas para a superação dos problemas ambientais)”, seguida de “maior entendimento acerca dos problemas ambientais (causas e consequências)”, com 21,4%. Ainda com 15,9%, as habilidades e as

competências aparecem como “novos conhecimentos, práticas produtivas com responsabilidade ambiental e maior envolvimento (compromisso)”. Ainda nos 47,1% entre os que responderam, aparece um percentual de 10,3% que diz que a universidade não forneceu competência ou habilidade alguma porque os professores debatem o tema apenas superficialmente.

Tal situação manifesta uma problemática de formação que não pode ser negligenciada. Há um caráter de precariedade na construção de competências pró-ambientais. Papel que não é exclusivo da universidade obviamente, mas que nela poderia ocorrer com maior profundidade, dadas as condições de pluralidade de debates, tempo de estudo, acesso a conhecimentos mais aprofundados e à possibilidade de uma incorporação do saber ambiental.

Ao serem questionados sobre sua própria participação nas atividades desenvolvidas nas universidades/faculdades sobre as questões ambientais, a maioria, 57,7%, disse nunca ter participado. Aproximadamente um terço (32,8%) participa esporadicamente e apenas 7,6% dos estudantes participam sempre. Esses dados são altamente significativos, pois mostram a debilidade do envolvimento estudantil relacionado às atividades ambientais de maneira contínua.

Dos que participam (sempre ou às vezes) da maioria das atividades, ou seja, 45%, está relacionada a cursos, seminários, simpósios e grupos de estudos. Um percentual significativo (26,1%) participa de palestras, seguido de 8,1% de universitários que participam de atividades de “orientação para prevenção contra o desmatamento e poluição, em seus cursos universitários”.

Em relação à participação dos universitários em atividades referentes à EA fora das universidades, a maioria (52,9%) também diz não participar. Um pouco mais de um terço dos estudantes (38,8%) participa esporadicamente e apenas 8,0% dizem realizar uma participação constante. Como se nota, há um baixo índice de participação em favor das atividades socioambientais e de EA fora da universidade.

Quanto aos tipos de atividade de que os universitários participam fora da universidade, a maioria (40,6%) cita seminários, palestras, cursos e outros eventos. Outro grupo, também significativo (39,1%), refere-se a “projetos como reflorestamento, horta pedagógica, jardinagem, economia de água, economia de energia elétrica, projetos relacionados a cuidados com rios”.

Questionados se a universidade onde realizam formação promove estudos sobre as questões ambientais, a maioria respondeu afirmativamente, ainda que de modo esporádico; quanto à participação nessas atividades, 64,8% disseram que participam, sendo que apenas 7,2% o fazem constantemente. Mais de um terço dos estudantes afirmou que nunca participou das atividades.

Conclusão

Os pressupostos epistemológicos evidenciados que sustentam as compreensões dos estudantes pautam-se por uma relação homem-natureza, sociedade-natureza centrada na visão antropocêntrica e naturalista. Não são nem sequer citadas as populações nativas da floresta (indígenas), sendo que no caso de Mato Grosso eram mais de 40 etnias e as próprias sociedades locais. O que se observa, ainda, é uma relação homem-natureza que percebe a natureza a distância e a sociedade acima dela, ou então como sociedade negada. O ambiente é visto separadamente do homem e o próprio ambiente construído, ou seja, as cidades não são vistas como ambiente.

Ainda impera o conceito naturalista e a sociedade é vista como externa ao problema ambiental. O problema é ambiental, mas não é socioambiental, como dizem Tassara e Ardans (2006), porque as pessoas não conseguem percebê-lo.

Há uma percepção de importante significado da educação como componente modificador da cultura, renovadora de concepções,

atitudes e práticas estabelecidas; entretanto, ainda perduram concepções de fazer à força (fiscalização, punição), bem como se manifesta a crença no individualismo como força de mudança no “cada um faz sua parte”, como se não houvesse interesses sociais, grupos sociais e o moralismo individual contasse na superação de uma ordem estrutural social ou civilizacional instalada.

No que tange à formação em EA presente no currículo e nas aulas, das quais desencadeiam práticas e compromissos socioambientais, essa temática aparece timidamente, de forma fragmentada e até mesmo descontextualizada, demonstrando a inércia da universidade em relação à temática. A formação fica a critério dos professores isoladamente, limitada às disciplinas afins. Alguns projetos são desenvolvidos com caráter interdisciplinar graças aos esforços pessoais de alguns poucos professores que dedicam grande parte de seus esforços às causas da EA. Nesse sentido, concordamos com Leonardi (1997) de que a EA deve permear todas as disciplinas do currículo e atividades formativas, sem conotar-se como disciplina autônoma, em que os diferentes contextos e experiências sejam contemplados; entendemos, porém, que, diante da inércia das estruturas universitárias, que se move apenas para atender às exigências mínimas dos órgãos fiscalizadores – Avaliação Institucional do Ministério da Educação (MEC) –, essa questão carece de debate e aprofundamento.

A formação universitária em EA não consegue propiciar aos estudantes a percepção da real situação de crise socioambiental no contexto local, embora as instituições apresentem, teoricamente, informações e entendam a relevância da problemática. A opinião dos estudantes, embora diversificada, manifesta superficialmente a crise ambiental e suas implicações ou consequências, quer sobre a biodiversidade, quer especificamente sobre os próprios humanos. Fica evidente a descontextualização das universidades/faculdades locais. É interessante notar que os estudantes possuem interesse pelo tema por estarem conectados com a realidade em

que estão situados, mas também se manifesta presente a dicotomia homem-natureza.

Enfim, o perfil político-formativo em EA é participativo em relação às questões socioambientais, é definido como pobre, de cunho naturalista e mecânico, embora manifestem certo grau de crítica opinativa, além de uma grande abertura em termos atitudinais a que se desenvolva uma EA. Isso é manifestado em todas as formações investigadas e é um terreno muito fértil a que as universidades desenvolvam e aprofundem as alternativas de construção da sustentabilidade. Para tanto, devem interagir com os diversos setores, grupos, comunidades componentes da sociedade regional, a fim de possibilitar no período de vivência na universidade uma formação ética, epistemológica e civil, comprometida com a superação do contexto de degradação socioambiental presente.

Manifestam uma atitude crítica superficial em relação à degradação, mas não estabelecem postura reativa quanto a tal situação. Passivamente, permitem observar que a situação posta de crise ambiental pelo atual modelo de desenvolvimento que se expande no norte do Estado não encontra alternativa de superação, diante da sua dimensão e conexão com o processo urbano-industrial capitalista, ou acreditam que o ambiente se regenerará por si próprio. É nesse aspecto que, ao proporcionar o debate mais intenso e a interação com as realidades socioambientais, desnaturalizando-as, a universidade pode ser um espaço-momento de oportunidade de construção da sustentabilidade a si própria e à sociedade que a rodeia, expressa em diversas faces. E isso deve começar com a crítica reflexiva da universidade sobre ela mesma e o contexto no qual se encontra inserida. Deve constituir sua missão a favor da preservação e do cuidado com a diversidade cultural e biológica de seu entorno, promovendo com a sociedade uma verdadeira ecologia de saberes em direção à sustentabilidade necessária.

THE SPACE OF THE ENVIRONMENTAL EDUCATION IN UNIVERSITY FORMATION IN THE CONTEXT THE AMAZON NORTH OF MATO GROSSO IN TRANSFORMATION

Abstract

In this study, it is looked for to understand the formation in Environmental Education (EE) of the university students of Sinop, MT, municipal district that is education pole and reference to the municipal districts of the north of Mato Grosso and south of Pará. It is located in the Amazon region north of Mato Grosso, that goes by a crisis socio-environmental caused by the destructive processes originating from of the economical development, in that were affected the biomes and the populations in favor of the construction of the society capitalist urban-industrial. In the study, is shown the positioning the university students about Environmental Education and the dedicated space to this area in the graduation. Result of this formation, the understanding, the attitudes, the commitments and the practices of the professional futures that will reproduce the context of crisis socio-environmental or, with base on this preparation, they will be capable to do confrontations the such situation. The results point that the university students conceptions appear in majority as naturalistic positions of EE, decontextualized of the crisis socio-environmental. They manifest, however, open and predisposed to EE, that can be worked critically. In relation to the universities, which is explicit that reproduce the system urban-industrial civilization and that the knowledges developed in EE are scanty as training references.

Keywords: Crisis socio-environmental. University formation. Environmental Education.

L'ESPACE DE L'ÉDUCATION ENVIRONNEMENTALE DANS L'ENSEIGNEMENT UNIVERSITAIRE DANS LE CONTEXTE DE L'AMAZONIE DU NORD DU MATO GROSSO EN TRANSFORMATION

Résumé

Dans cette étude, nous cherchons à comprendre la formation en éducation environnementale (EE) de l'Université de Sinop, MT, municipalité qui est un pôle en éducation et référence aux municipalités du nord du Mato Grosso et du sud de Pará. Situé dans la région nord amazonienne du Mato Grosso, qui traverse une crise socio-environnementale causée par des processus destructeurs posés par le développement économique dans les biomes et les populations touchées en faveur de la construction d'une société urbaine et industrielle capitaliste. L'étude met en valeur le positionnement des étudiants sur l'éducation environnementale et l'espace dédié à ce domaine tout au long de la formation universitaire. Résulte de cette formation, la compréhension, les attitudes, les engagements et les pratiques des futurs professionnels qui reproduisent le contexte de la crise environnementale ou, sur la base de cette préparation, s'ils seront capables de faire

des confrontations à cette situation. Les résultats montrent que les conceptions des étudiants apparaissent dans la plupart avec des positions des naturalistes de l'EA, décontextualisée de la crise sociale et environnementale. Ces étudiants se manifestent, cependant, ouverts et prédisposés à l'EA, qui peut être travaillé d'une façon critique. En ce qui concerne les universités, ce qui est explicite c'est qu'elle reproduisent le système de la civilisation urbano-industrielle et que les connaissances développées dans l'EA sont rares comme des référence de formation.

Mots-clés: Crise environnementale. L'enseignement universitaire. Éducation environnementale.

Referências

- BAMPI, A. C. *Crise socioambiental na Amazônia norte mato-grossense*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2012.
- BENTES, R. A intervenção do ambientalismo internacional na Amazônia. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 225-240, 2005.
- GRÜN, M. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. São Paulo: Papirus, 1996.
- GUIMARÃES, S. S.M.; TOMAZELLO, M. G. C. A formação universitária para o ambiente: educação para sustentabilidade. *Ambiente e Educação*, Rio Grande, RS, v. 8, p. 55-71, 2003.
- LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- LEONARDI, M. L. A. A. Educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual. In: CAVALVANTI, C. (Org.). *Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas*. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1997.
- LEROY, J. P. *et al. Tudo ao mesmo tempo agora: desenvolvimento, sustentabilidade, democracia: o que isso tem a ver com você?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- SANTOS, J. E.; SATO, M. (Org.). *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001.
- TASSARA, E. T. O.; ARDANS, O. Educação ambiental crítica: pesquisa-ação, participação, silêncios e silenciamentos. *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*, São Paulo, v. 1, p. 59-71, 2006.
- TOZONI-REIS, M. C. *Educação ambiental: natureza, razão e história*. Campinas: Autores Associados, 2004.

Recebido em 30/8/2013

Aprovado em 30/10/2013